

Yimou encanta com fábula sobre justiça

Em *A História de Qiu Ju*, com sua atriz favorita Gong Li, o diretor chinês oscila entre o cômico e o trágico, num filme impecável que ganhou o Leão de Ouro em Veneza

Sonia Nolasco

NOVA YORK — O diretor chinês Zhang Yimou tem olho clássista, coração romântico e senso de equilíbrio de acrobata. Em seu novo filme, *A História de Qiu Ju*, Leão de Ouro de Melhor Filme em Veneza, e grande sensação do Festival de Cinema de Nova York, 1992, ele domina essas três características, e mais a de mestre ilusionista.

Nos dois últimos filmes, *Jou Dou* (90) e *Lanternas Vermelhas* (91), Yimou usou situações pré-revolucionárias e sexo para criar alegorias políticas sobre a China de hoje. Em *Qiu Ju*, recém-estreado nos EUA (e já comprado no Brasil para ser exibido no segundo semestre), ele finalmente usa cenários contemporâneos, mas o subtexto é sexismo.

A lindíssima Gong Li, atriz favorita de Yimou, interpreta uma camponesa cabeça-dura determinada a vingar a honra do marido. Desafiando o estereótipo da chinesa passiva, ela enfrenta a burocracia de seu país e permanece imbatível diante das terríveis frustrações. Yimou se diverte com a complexidade às vezes cômica da sociedade chinesa, e nos encanta com uma fábula sobre justiça. Num vilarejo, um plantador de pimenta insulta o líder local, que lhe dá um pontapé na virilha. O filme começa com a jovem esposa, Qiu Ju (Gong Li), levando o marido ao médico numa carroça. Embora grávida, Qiu teme que, com o marido aleijado, eles não tenham outros filhos; que seu bebê seja uma menina, o que, na China, era (e é) vexame.

O jovem marido, cabeça fresca, passivo, não parece querer briga por causa dos testículos inchados. A ofendida é Qiu Ju, que exige um pedido de desculpas, uma explicação. E começa sua busca de justiça, dando ao espectador uma visão

fascinante da vida na China contemporânea. Os atores principais são profissionais, mas os outros são pessoas comuns que a câmera de Yimou apanhou nos momentos em que viajava pelo Norte do país, vasculhando cidades grandes e pequenas, entre feiras de rua, escritas, dono de hotel vagabundo, motorista desonesto, funcionários públicos. Esse background realístico, pontuado de detalhes históricos, apresentado com a mesma elegância despojada das cenas dramáticas, dá ao filme o mesmo aspecto de documentário das obras anteriores de Yimou, sem comprometer o impacto da história.

Qiu Ju torra a paciência de todos com suas petições, em repartições públicas, cortes e tribunais. Sendo ela e o marido camponeses, heróis da revolução, são tratados com paciência. A jovem grávida acha sempre alguém que a ajude, mas ninguém que compreenda o que ela pede: não é dinheiro, mas a dignidade de uma explicação.

Qiu Ju vende colheitas de pimenta para sustentar suas idas à cidade com a irmã. Vai se enredando mais nas malhas da burocracia. Um funcionário sugere: "As duas partes devem fazer auto-crítica". Outro ordena que o atacante pague as contas médicas do marido insultado. Ele concorda, joga o dinheiro em Qiu Ju, que recusa. Ela não entende que sua busca é inútil porque quer apenas justiça.

Gong Li, namorada de Yimou na vida real, é considerada uma das mais belas atrizes do mundo (entre as 50 pessoas mais bonitas da revista *People*), mas em *Qiu Ju*, está quase irreconhecível, com suas roupas malajambradas. Sobressai seu talento dramá-



Gong Li: quase irreconhecível, mostra ser mais atriz que estrela como a decidida camponesa cabeça dura Qiu Ju



A História de Qiu Ju: elegância despojada nas cenas dramáticas e câmara secreta

co. Mais que estrela de cinema, ela é uma atriz. Sua Qiu Ju irradia determinação. Para captar gente do povoado em diversas situações, Yimou filma longas cenas com uma câmera super-16mm escondida. Assim, *Qiu Ju* não é tão bonito quanto os filmes anteriores do diretor, mas sua crueza é extremamente atraente. O vilarejo mostra uma dimensão humana cativante. As cidades grandes são assustadoras (a população excessiva) e já apresentam sinais da invasão ocidental, como cartazes de Schwarzenegger e roupas da moda.

Enquanto Yimou explora pela primeira vez os aspectos cômicos de uma situação trágica, o filme tem

as marcas pessoais já conhecidas do diretor. As pimentas, por exemplo: quando Qiu Ju precisa financiar suas inúmeras viagens à cidade, elas aparecem penduradas aos montes, em cores suaves que contrastam com a paisagem desolada da fazendinha. O uso que Yimou faz da cor tem muitas implicações; como os tecidos pintados ondulantes de *Jou Dou* e as lanternas de *Lanternas Vermelhas*, as pimentas são essencialmente objetos que tornam a vida visível e, também, simbolizam a felicidade que Qiu Ju acha tão inatingível. O final da história é irônico: vence a burocracia, que destrói a solidariedade humana.

ESCULTURA/Retrospectiva

Obra de Vlavianos une Mediterrâneo ao Brasil

O escultor grego, radicado no Brasil, Nicolas Vlavianos abre hoje à noite no Masp uma mostra com mais de 130 peças feitas ao longo de uma carreira de 35 anos

Olívio Tavares de Araújo
 Especial para o Estado

Em 1961, aos 32 anos, o escultor grego Nicolas Vlavianos veio como representante de seu país participar da Bienal de São Paulo. Era uma época de grande atividade e euforia no Brasil, e ele decidiu ficar e apostar no futuro. Aqui se casou com a pintora argentina Teresa Nazar, teve filhos, e criou a quase totalidade de sua obra escultórica. Mas ouvi-lo falar agora, como brasileiro, não é nada animador: "Chegamos a um ponto em que não está dando mais para ir nem pra frente nem pra trás". Olhando o conjunto de mais de 130 peças da retrospectiva que inaugura hoje à noite, no Masp, acrescenta: "Me pergunto o que é que estou fazendo neste museu. Por que não vou para a praia, gastar lá meus últimos cartuchos?"

Vlavianos é, portanto, mais um dos cidadãos do País perplexos e acuados pela crise. Seu pessimismo não é do tipo endógeno, essencial, como o do pintor Iberê Camargo, por exemplo — em cujas declarações de há algumas semanas, aliás, ele detectou contradições. Não há na arte de Vlavianos qualquer sombra de amargura, de rancor, de angústia ou de caos. Sempre foi e continua sendo limpa, equilibrada, apolínea (para usar um conceito de Nietzsche inventado justamente para a Grécia clássica); e feliz. A infelicidade circunstancial fica restrita ao autor: "cultura é uma coisa que neste momento não interessa a ninguém".

Tanto que ele mesmo teve que bancar esta mostra, pagar o catálogo, recolher as obras, responsabilizar-se pessoalmente junto aos colecionadores pela integridade delas enquanto estiverem emprestadas. Em princípio, seriam atribuições do museu hospedeiro (o qual, entretanto, está sabidamente apertado de dinheiro), com ou sem o apoio de patrocinadores privados (os quais se tomaram uma espécie em extinção). E se Vlavianos se encarregou de tudo, evidentemente, é porque mais do que ninguém queria que a exposição se realizasse. Suas dívidas, portan-



Hieratic V. C. II, 1991, aço inox e latão, 117 cm de altura: uma arte "apolínea"

to, são a rigor desabaços. No fundo, ele conserva, como todo artista, a paixão pela obra e a necessidade de que ela cumpra na plenitude sua função. "Fazer arte é o último ato de esperança, e, certamente, uma forma de tesão, uma variante do erotismo e do amor".

Eis uma idéia saudavelmente pagã, mediterrânea, muito grega. A Grécia, aliás, aparece inevitavelmente na escultura de Nicolas Vlavianos. Primeiro, pela sugestão de sua paisagem rochosa, áspera, e sua luz crua, "que nos leva mais para a forma que para a cor"; as obras mais antigas



Vlavianos: "Uma variante do erotismo e do amor"

SERVIÇO

Nicolas Vlavianos, 35 Anos de Escultura
 retrospectiva do artista grego radicado no Brasil. Inauguração às 18 horas de hoje no Masp (Av. Paulista, 1.578). Até o dia 23 de maio, de terça a sexta, das 13 às 17 horas.

(algumas feitas quando o artista morava em Paris) são severas e recortadas sobriamente no espaço. A seguir, Vlavianos criou algumas séries antropomórficas — guardiães, visitantes, astronautas — que são retomadas contemporâneas do *kouros* grego clássico, a imagem do corpo masculino adolescente.

Já o Brasil contribuiu através da sugestão de formas vegetais, folhagens abundantes, copas de árvores, troncos e raízes enovados em cipós, todo um conjunto de elementos orgânicos que perpassou por cerca de vinte anos diversos temas e fases. Na verdade, não se pode dizer que a obra de Vlavianos seja predominantemente expressiva e orgânica — como por exemplo a de Frans Krajcberg —, ou,

pelo contrário, construtivista, objetiva, geométrica — como as de Amílcar de Castro e Franz Weissmann. "Minha escultura é proteica", diz ele, referindo-se a suas cíclicas mutações de forma e direção. "Há excelentes escultores que trabalham sempre uma obra só, em infinitas transformações; mas para mim, o que dá prazer no ato criativo é a gente poder fugir de si mesmo, sem qualquer ortodoxia".

Com isso, Vlavianos se exclui dos movimentos ou grupos hegemônicos que se percebem no Brasil, sobretudo, justamente, na área da escultura. Em compensação, basta-lhe, por um lado, o saber-se "dentro do círculo de valores principais" da escultura brasileira como um todo, como escreve Walter Zanini no catálogo. Por outro, reconforta-o a consciência que se extrema no próprio ato de fazer esta exposição, e com ela se concretiza: "Os 35 anos de escultura aqui reunidos me provam, afinal, que certamente não fiquei parado, olhando a banda passar".

Série traz o fogo de Victoria Abril

A atriz espanhola, conhecida por seus papéis intensos no cinema, volta a viver ardentes paixões na minissérie *Os Ginetes da Alvorada*, que a *Cultura* exhibe a partir de hoje

Luiz Carlos Merten

Quem viu Victoria Abril no triângulo amoroso de *Os Amantes* ou equilibrando-se na barra enquanto o travesti explora seus baixos ventres em *De Salto Alto* sabe: há um papel que esta atriz representa divinamente. É o da mulher que arde no fogo da paixão. Victoria consegue passar a intensidade do desejo, a alegria de rolar na cama com seu par e a lassidão que se segue ao prazer sexual. Nos filmes de Pedro Almodóvar, ela é a própria gata em teto de zinco quente. O cio volta a se manifestar em *Os Ginetes da Alvorada*, minissérie espanhola em cinco capítulos que a *Cultura* exhibe a partir de hoje. Há cenas de sexo que o espectador simplesmente não está acostumado a ver na telinha. Estão longe de ser vulgares. O diretor é o mesmo Vicente Aranda a quem se deve *Os Amantes*. Não admira que o subtexto de novo seja tão importante.

Os Ginetes da Alvorada se passa durante a Guerra Civil espanhola. Em Las Caldas, pequena cidade das Astúrias, a vida gira em torno do Balneario — uma estação de águas termais que é a principal fonte de riqueza da região. O Balneario é administrado por Dona Amália, mulher ambivalente, atraída por machos e fêmeas. Dona Amália é interpretada por uma atriz especial: a argentina Graciela Borges, que protagonizou diversos filmes de Leopoldo Torre-Nilsson. Não consegue concretizar a relação com a prima Adamina, mãe de Marian. O primeiro capítulo trata dos esforços de Adamina para se manter a salvo das investidas de Dona Amália. Só no segundo Marian chega à idade adulta para que Victoria Abril entre em cena. Marian fará tudo para se apossar do Balneario. Isso significa usar seu corpo, enredando os homens na teia da sedução.

Para *Os Amantes*, o diretor Aranda baseou-se num fato real ocorrido nos anos 50. Usou um triângulo amoroso clássico para analisar, de forma muito perspicaz, as práticas de dominação entre homens e mulheres e a repressão política e sexual na Espanha do generalíssimo Franco. Em



Victoria Abril, protagonista de *Os Ginetes da Alvorada*: cenas de sexo sem vulgaridade, como não se vê na televisão

Os Ginetes da Alvorada, Aranda recua no tempo. Viaja aos anos 30 para flagrar o momento em que a Espanha entra na Guerra Civil que leva à era de Franco. Senhores de austeras casacas pretas passeiam pelos salões do Balneario. Brindam com champanhe a derrocada da República. Representam o poder e o dinheiro. Encamam a força da repressão. No campo, Victoria e Jorge Sanz — o garotão de *Os Amantes* — descobrem as delícias do sexo selvagem. Ele descobre também o comprometimento político ao topar com integrantes das milícias antifranquistas. A vida nunca mais será a mesma em Las Caldas.

Aranda adora os jogos de extremos. Em *Os Amantes*, a oposição se dá entre a virgindade de Maribel Verdu e a experiência de Victoria Abril. Jorge Sanz vai da cama de

uma para a da outra até que o triângulo, estourando do lado mais fraco, leve ao desenlace trágico. Em *Os Ginetes da Alvorada*, há um mundo de pulsões primitivas, identificado com a natureza e que entra em choque com as normas de comportamento dos salões. Os asturcones, cavalos de uma raça em extinção, que descem das montanhas no outono, simbolizam o que a bela Victoria sacrifica em nome do poder.

SERVIÇO

Os Ginetes da Alvorada (Los Ginetes del Alba). Direção de Vicente Aranda.

com Victoria Abril. Na *Cultura*, a partir de hoje, em cinco capítulos, às 23h30

PINTURA

Panorama da Arte Atual no MAM é irregular

O Museu de Arte Moderna de São Paulo inaugura hoje mais uma edição do seu Panorama da Arte Atual Brasileira, desta vez dedicada à pintura. São 40 artistas convidados e mais de 120 obras. Dois pintores ganharam prêmio aquisição no valor de US\$ 3 mil, oferecidos pela Philip Morris e Construtora Amafi: o veterano neoconcretista Hemmelindo Fiaminghi e o jovem mineiro Fernando Velloso, pintor e cenógrafo do Grupo Corpo. Menções honrosas foram conferidas a Emmanuel Nassar (PA), Maria Lídia Magliani (RS) e Sérgio Fingemann (SP), que apresentam obras de excelente fatura e nítida evolução dentro de suas trajetórias.

A exposição, que ganhou em qualidade ao escolher uma montagem mais desafogada e com espaços mais generosos para o público visualizar as telas, esbarrou no sistema de seleção de artistas: convites baseados em listas elaboradas por críticos, museus e galerias de cada região submetidos a um júri em São Paulo. Essa metodologia, se conseguiu pinçar em vários pontos do Brasil talentos importantes, também teve o defeito de ser permeável a lobbies regionais. Isso acabou resultando no envio de obras em evidente desnível com o conjunto. Só assim se entende, por exemplo, a presença dos pernambucanos José Cláudio e Roberto Lúcio. Ou mesmo de telas de nível escolar como as de Waldo Bravo, *the worst in show*.

Felizmente, há excelentes obras que compensam esse tropeço. É o caso de Adriana Varejão, que dá sequência a sua releitura do barroco utilizando óleo e gesso sobre tela para recordar as pinturas sacras avariadas pelos séculos. Dudi Maia Rosa, que há algum tempo substituiu a tela pelo suporte de poliéster e a tinta por pigmento e cera (encáustica), mostra novas possibilidades expressivas nesses materiais. Flávia Ribeiro exhibe uma nova fase onde o peso da pintura matéria cede lugar a um suave *pattern* de flores e bordados. Outro destaque é a obra simbólica e poética de Karin Lambrecht.

Marco Paulo Rolla, com suas perversas telas *O Candelabro de Prata e Sorvete com Morangos*, combina *bad painting* (má pintura) a algumas citações de histórias em quadrinhos (especialmente a linha fina e rebuscada de Guido Crepax) para fazer telas figurativas de impacto. Outra boa presença é Maria Lídia Magliani, cujas vigorosas deformações do corpo humano se aproximam da abstração. (A.M.)



Panorama, no MAM: 40 pintores e mais de 120 obras

P O P



Stephen Morris (primeiro à esquerda) com o New Order: "Nosso disco traz idéias diferentes a cada faixa"

New Order volta mais techno

Sem gravar desde 1988, o grupo lança o álbum *Republic* nos próximos dias. O baterista Stephen Morris diz que o som da banda está mais techno e que o disco é "dark nos climas e batidas"

Marcel Plasse

Manchester não é famosa por tardes ensolaradas. Se não é o tempo nublado, é a fumaça das indústrias que ocupa seu céu. Mas para Stephen Morris, o dia está "adorável". O baterista do New Order, que costuma fazer um estilo sombrio, está radiante. Depois de quatro anos, New Order está com disco novo na fábrica. O single, *Regret*, saiu há duas semanas — pode ser encontrado na loja Sweet Jane (Av. Paulista, 726, lojas 9 e 10). O álbum, *Republic*, sai em poucos dias na Inglaterra.

A expectativa é elevada. New Order já foi uma das melhores bandas da Inglaterra, mas desde 88 não entrava em estúdio. "Não sei se chamaria de segunda vinda", Stephen diz. "Nunca acabamos com a banda." Mas a impressão de que New Order era passado marcou os últimos anos. Todos os seus integrantes embarcaram em projetos paralelos. O guitarrista Bernard Sumner montou Electronic, com o ex-guitarrista dos Smiths, Johnny Marr. O baixista Peter Hook inventou o grupo Revenge. E o casal Stephen Morris e Gilliam Gilbert, a tecladista do New Order, respondeu com The Other Two, os outros dois, título irônico, mas também amargo. Como fim de festa.

"Os projetos paralelos estavam nos nossos planos há muitos anos", Stephen explica. "Ficamos em contato, socialmente, esses anos todos. Só que queríamos gravar coisas diferentes." A volta do New Order não significa o fim dos outros grupos. O baterista conta que The Other Two lança um álbum em agosto e

Electronic prepara material novo. "Vamos continuar com os projetos, mas agora estamos interessados no New Order."

Além de "muito bom", Stephen define o novo disco como sendo "dark". "Nos climas e nas batidas", conta. "Mas o álbum traz idéias muito diferentes em cada faixa." O produtor é Stephen Hague, que trabalhou com Pet Shop Boys. "Ele juntou as idéias do grupo. Cada um veio com uma abordagem diferente para as composições. Assim, o disco ficou menos pessoal, mas nada parecido com, por exemplo, Electronic."

O flerte do New Order com a dance music, que existe desde *Blue Monday* (1984), o single mais vendido da história da Inglaterra, continua em *Republic*. O álbum anterior, *Technique*, tinha iniciado o contato com a house music. Stephen diz que as novas gravações trazem influências de techno. "Vamos aos clubs e tiramos idéias do que está acontecendo na dance music." A falta de boas bandas novas na Inglaterra, segundo Stephen, deve-se justamente à ascensão da dance music. "Agora, os discos são feitos por pessoas, não bandas. E para clubs. Duas pessoas se juntam e gravam, e não tem carreira. Mudam os nomes para continuar gravando novos discos."

A última grande cena inglesa, a de Manchester, segundo o baterista não passou de hype. "Happy Mondays e Stone Roses eram bons. Mas Manchester não era 'a capital mundial da música', como se dizia. As gravadoras acabaram assinando qualquer coisa só porque vinha de Manchester. Muitas bandas eram péssimas e, por terem sido precocemente contratadas, não tiveram tempo de amadurecer." Como resultado, a principal gravadora de Manchester, a Factory, que gravava New Order e Happy Mondays, faliu. "Má administração", resume Stephen.

New Order vai se apresentar na Irlanda nos próximos meses, em um festival em favor da paz. "Para tentar fazer o IRA entender que não ganha nada explodindo lugares." E, no final do ano, pretende voltar ao Brasil, onde se apresentou, em 1988, para o maior público de sua carreira.

L I V R O

Verissimo reúne crônicas bem-humoradas de Roma

Luiz Fernando Verissimo diz não gostar "de uma badalação de lançamento (de livro), autógrafa", mas hoje vai ter que encarar mais uma do tipo. Na Livraria Siciliano do Iguatemi, às 19 horas, ele lança, ao lado do artista gráfico Joaquim da Fonseca, *Traçando Roma*, um apanhado de crônicas enviadas para publicações brasileiras (entre elas *O Estado de São Paulo*) e bicos-de-pena que traçam um perfil da capital italiana. "Os livros não são exatamente guias turísticos", avisa Verissimo, que viveu em Roma com a família durante sete meses em 1986, "só para ter o gostinho de morar lá".

É esse "gostinho" que Verissimo passa ao leitor, dissecando de modo leve e bem-humorado o comportamento dos romanos e as idiossincrasias de Roma, comentando fatos políticos da época e desfiando impressões pessoais sobre os inúmeros monumentos e traços culturais da "cidade eterna". Não só dela. Sobre a Pietà de Florença, que Michelangelo deixou inacabada, diz ter "uma força que a de Roma não tem... é um terrível monumento à estupidez humana e à dor de todas as perdas que transcendem o drama do Cristo morto".

O livro é o terceiro de uma série que já abordou Nova York e Paris. A idéia surgiu do designer Joaquim da Fonseca. Os dois se encontraram em Nova York em 1980, onde Verissimo viveu por sete meses. Depois veio o de Paris, onde o humorista e escritor gaúcho passou nove meses em 1990. "Os desenhos não são exatamente das crônicas", diz Verissimo, "mas alguns coincidem". (Airton Seligman)



Em suas impressões pessoais sobre Roma, Verissimo comenta fatos políticos e dissecou o comportamento de seus habitantes

SERVIÇO

Traçando Roma — Crônicas de Luiz Fernando Verissimo, ilustradas por Joaquim da Fonseca. Artes e Oficinas Editora, 160 páginas, Cr\$ 290 mil

DESENHO

Exposição reúne obras de 14 ilustradores

Bar Ovidio (R. Fradique Coutinho 150, 881-0716) expõe até 13 de junho, a mostra *Publicados*, com trabalhos que 14 dos melhores ilustradores em atividade em São Paulo realizaram para livros, revistas e jornais.

Entre os ilustradores participantes estão Artur Lopes e Mariza Dias Costa, do *Jornal da Tarde*; Jaca, de *O Estado de S. Paulo*; Fabio Zimbres, um dos criadores da revista *Animal*, atualmente freelancer e residente em Porto Alegre; Orlando, da *Folha de S. Paulo*; Gilberto Miadaira, Arthur Fajardo, Carvall, Carla Caffé, Antonio Pinto, Fê e Grasseti. Jaca (apelido de Paulo Carvalho), 36 anos, ficou conhecido pelo traço high-tech e vertiginoso. É ilustrador da coluna *Maneiras*, de Danuza Leão e da seção *O Melhor de Tudo*, do *Caderno 2* e tem trabalhos publicados por *Veja*, *Playboy*, *Fluor* e *Folha de S. Paulo*. Entre suas criações está a história em quadrinhos *Supermercado*, um super-herói do mundo do consumo, publicado na revista *Animal*.

Mariza Dias Costa é um dos nomes mais consagrados da ilustração no País. Além da paixão declarada pela língua grega e peixes de formatos exóticos (elementos que aparecem com frequência nos seus desenhos), Mariza gosta de fazer comentários ácidos. Daí ter funcionado durante mais de uma década como uma espécie de eficiente alter-ego gráfico de Paulo Francis, na *Folha de S. Paulo*. Sobre a substituição do lapis pelo mouse do computador ela comenta: "desenhar com sabonete não é fácil". Artur Lopes divide seu tempo entre ilustração e escultura. Ex-aluno da Faap, ele planeja construir carreira de artista plástico.



Trabalho do gaúcho Fábio Zimbres, na mostra do Ovidio